

## SEÇÃO V

# Atividade econômica: revisão das previsões de crescimento 2020/2021

## Sumário

A pandemia da Covid-19 afetou profundamente a trajetória esperada para a economia brasileira ao longo de 2020 e de 2021. Persiste um elevado grau de incerteza quanto ao ritmo de disseminação do SARS-Cov-2 no país e à magnitude e extensão das medidas de isolamento social requeridas para atenuar seus impactos adversos na população, mas não há dúvida de que o produto interno bruto (PIB) brasileiro sofrerá uma forte queda este ano. Neste texto, a Dimac/Ipea apresenta uma revisão das previsões de crescimento econômico para 2020 e 2021. Primeiro, estima-se o tamanho da queda esperada do PIB no segundo trimestre por meio de um amplo conjunto de dados setoriais e de indicadores coincidentes. Tendo por base essas estimativas, e sob a hipótese de início de um processo de flexibilização gradual das restrições à mobilidade e ao funcionamento das atividades econômicas a partir de junho, projeta-se uma queda do PIB de 10,5% no segundo trimestre, seguida por crescimento no terceiro e quarto trimestres. A recuperação da atividade, iniciada para alguns setores já em maio e que tende a disseminar-se para a maioria dos demais setores nos próximos meses, deve-se, em parte, à adoção de um conjunto de medidas de preservação de renda, empregos e produção implementado para atenuar os impactos da crise. Para o ano, a queda projetada é de 6%, mas a trajetória de recuperação no segundo semestre deixará um carry-over de quase 2% para 2021, cujo crescimento projetado é de 3,6%. É importante destacar que essas projeções estão sujeitas a grande incerteza, tanto no que se refere à estimativa do impacto da pandemia sobre a atividade econômica corrente, como no que tange às hipóteses subjacentes ao ritmo esperado de recuperação no restante do ano. O cenário econômico continuará sendo avaliado, e as previsões poderão ser revistas à luz de novas informações.

## 1 Deterioração do cenário econômico

No início do ano, antes da deterioração do cenário econômico associada à pandemia da Covid-19, a economia brasileira vinha em uma trajetória de crescimento modesto, mas com alguns sinais de aceleração – que se refletiam, em particular, no aumento dos investimentos. De acordo com a *Carta de Conjuntura* no 46, de março deste ano, o crescimento do PIB antes da crise da Covid-19 vinha apontando para taxas em torno de 2,1% em 2020 e de 3,0% em 2021. Esperava-se, de fato, que a continuidade do processo de reformas estruturais e de consolidação fiscal

**José Ronaldo de C. Souza Júnior**  
Diretor na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

**Marco A. F. H. Cavalcanti**  
Diretor adjunto na Dimac/Ipea

marco.cavarcanti@ipea.gov.br

**Paulo Mansur Levy**  
Técnico de planejamento e pesquisa na Dimac/Ipea

paulo.levy@ipea.gov.br

**Leonardo Mello de Carvalho**  
Técnico de planejamento e pesquisa na Dimac/Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

**Marcelo Lima de Moraes**  
Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

marcelo.moraes@ipea.gov.br

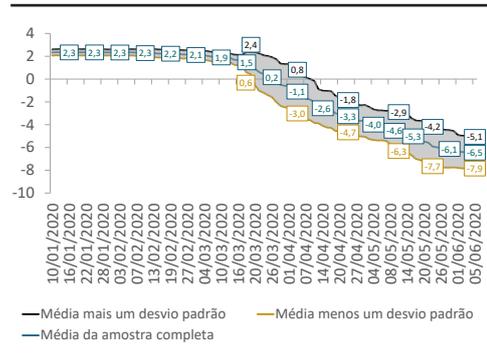
**Pedro Mendes Garcia**  
Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

pedro.garcia@ipea.gov.br

permitisse a convergência gradual para um equilíbrio com taxas mais elevadas de crescimento. A mesma publicação já ressaltava, porém, que a pandemia havia alterado profundamente as perspectivas para a atividade econômica neste ano, não apenas em razão da queda na demanda externa associada à desaceleração da economia global, mas, principalmente, como resultado das necessárias medidas de isolamento social no país visando atenuar a disseminação do SARS-Cov-2. O conjunto de informações disponíveis ainda era muito pequeno e impreciso, mas já indicava uma significativa retração do PIB brasileiro em 2020: a previsão média do mercado à época era de diminuição de 0,5% no ano, ao passo que a *Carta de Conjuntura* previa uma queda um pouco maior, da ordem de 1,8%. Desde então, a natureza e a magnitude dos choques causados pela pandemia vêm sendo reavaliadas continuamente, e têm apontado na direção de uma queda ainda mais substancial do PIB em 2020 – conforme expresso nas drásticas reduções da taxa de crescimento prevista pelo mercado para o ano (gráficos 1 e 2).

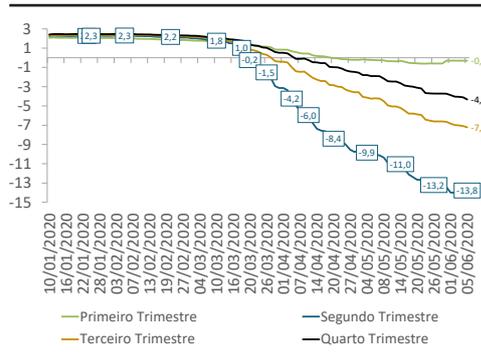
As revisões das previsões do PIB da *Carta de Conjuntura* costumam ser feitas apenas no final do trimestre, na seção dedicada à visão geral da conjuntura. No entanto, devido à rápida e profunda mudança no cenário econômico e à divulgação de dados que permitem avaliar melhor os impactos da pandemia, a Dimac/Ipea resolveu divulgar este texto com uma revisão extemporânea das previsões de crescimento para 2020 e 2021. É importante destacar que essas projeções estão sujeitas a grande incerteza, tanto no que se refere à estimativa do impacto da pandemia sobre a atividade econômica corrente, como no que tange às hipóteses subjacentes ao ritmo esperado de recuperação no restante do ano. O cenário econômico continuará sendo avaliado, e as previsões poderão ser revistas na próxima edição da visão geral da conjuntura, que será divulgada no fim de junho – já levando em consideração os dados completos de maio e dados preliminares de junho.

**GRÁFICO 1**  
Expectativa de mercado para o crescimento do PIB em 2020  
(Em %)



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 2**  
Expectativa de mercado para o crescimento do PIB em 2020, por trimestre<sup>1</sup>  
(Em %)



Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup>Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A pandemia da Covid-19 afetou a economia brasileira por meio de diversos canais. Além dos efeitos indiretos provocados por uma forte redução de demanda (interna e externa), as medidas de isolamento social adotadas significaram a interrupção do funcionamento de uma ampla gama de atividades produtivas, atingindo de

maneira bastante disseminada os setores de serviços, comércio e indústria. As quedas (observadas e esperadas) nos níveis de emprego e renda da população, no faturamento das empresas e na disponibilidade de crédito reforçaram os choques iniciais adversos sobre as condições de demanda e oferta, levando à retração imediata da atividade econômica. Com isso, o PIB encerrou o primeiro trimestre com um recuo de 1,5% na comparação dessazonalizada.

Alguns segmentos da indústria sentiram de imediato o impacto, registrando uma retração já em março, com uma queda de 9,1% em relação a fevereiro. Em abril, o cenário para a atividade econômica deteriorou-se de maneira acentuada. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial recuou 18,8% sobre o período anterior, na série já livre de efeitos sazonais. Na comparação com abril de 2019, a queda foi de 27,2%. O fraco desempenho atingiu quase todos os segmentos industriais, levando o grau de difusão para apenas 12%. As únicas atividades que registraram um resultado positivo foram os segmentos de produção de alimentos (3,3%), artigos de limpeza (1,3%) e artigos farmacêuticos (6,6%). Os destaques negativos ficaram por conta da fabricação de veículos e de outros equipamentos de transportes, que recuaram 88,5% e 76,3%, respectivamente.

O desempenho da produção agropecuária em 2020 tem proporcionado um resultado positivo para a indústria de fabricação de produtos alimentícios. Em abril, houve uma alta de 3,3% em relação a março, justificada principalmente pelo abate de suínos e aves e pela produção de leite e produtos laticínios – apesar do fraco desempenho do abate de bovinos no período. Segundo nossas estimativas, o resultado positivo de abril deve garantir o crescimento da fabricação de produtos alimentícios no trimestre, mesmo com uma possível acomodação em maio e junho. Para o restante do ano, o desempenho do setor deve ser influenciado positivamente pelo bom desempenho da agropecuária, com destaque para a recuperação do abate de bovinos, o crescimento da produção de açúcar e o incremento da produção de farinha de trigo, cuja produção deve crescer 19,4% na safra 2019-2020, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. Com isso, no ano, a produção da indústria de alimentos deve fechar com alta, em linha com o crescimento esperado para a agropecuária, como será visto na parte final deste texto.

O impacto da crise tem sido ainda mais severo no varejo e nos serviços. As restrições à mobilidade e o fechamento compulsório dos estabelecimentos comerciais provocaram uma forte retração dessas atividades: o comércio ampliado caiu 13,9% em março ante fevereiro e 6,4% ante março do ano passado. Nos serviços, essas variações foram de -6,9% e -2,7%, respectivamente. No comércio, os únicos segmentos que conseguiram crescer no período dizem respeito às atividades consideradas essenciais associadas à venda de alimentos (supermercados), com uma alta de 14,6% no dessazonalizado, e de artigos farmacêuticos, com 1,3%. Nos serviços, todos os segmentos caíram, com destaque para os serviços prestados às famílias, com uma variação dessazonalizada de -31,2%.

## 2 Indicadores de atividade: estimativas do Ipea

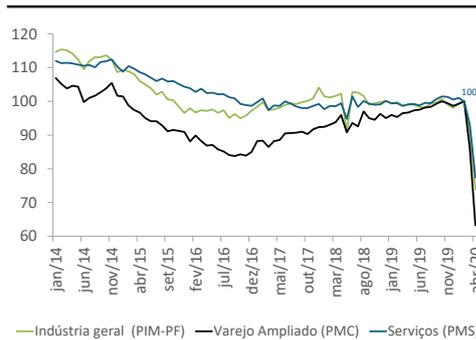


Com base num conjunto amplo de indicadores coincidentes (atualizados em relação ao *Boletim de Acompanhamento Setorial da Atividade Econômica*),<sup>1</sup> a Dimac/Ipea estima que as vendas no varejo ampliado, conforme a divulgação na Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE, tenham se retraído 26,5% entre abril e março, na série com ajuste sazonal. Na comparação interanual, as vendas ficariam num patamar 35,4% inferior ao verificado em abril de 2019.

Em relação ao setor de serviços, o cenário não é diferente. Segmentos importantes como hotelaria e alimentação fora do domicílio praticamente paralisaram suas atividades, enquanto os serviços de transportes, particularmente o aeroviário, seguem sofrendo os efeitos da crise. Para abril, a Dimac/Ipea prevê uma redução de 16,9% na margem para o indicador da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE. Na comparação interanual, a queda estimada é de 23%.

Apesar do grau ainda elevado de incerteza quanto à evolução da Covid-19, abril parece ter sido o “fundo do poço”. O conjunto de medidas de preservação de renda, empregos e produção implementado como resposta à crise, aliado ao início da flexibilização das medidas de isolamento, permite esperar uma melhora no desempenho da atividade econômica nos próximos meses. Na verdade, alguns sinais de reação a partir de maio já podem ser captados nas estimativas apresentadas a seguir. Essa reação, mesmo em um contexto de restrições à mobilidade e ao funcionamento de diversas atividades econômicas, refletiria, por um lado, a baixa base de comparação em abril; por outro lado, a adaptação de várias dessas atividades ao novo ambiente. Quando se pensa em projeções à frente, porém, é importante destacar que, mesmo após o retorno a uma situação mais próxima da normalidade, a economia ainda precisará conviver com uma série de restrições e fatores contrários, tanto pelo lado da oferta quanto pelo lado da demanda. No primeiro caso, as atividades produtivas, notadamente o comércio e os serviços, precisarão se adaptar a novos protocolos de segurança que podem representar limitação de capacidade e aumento de custos; no segundo, o consumo das famílias tende a ser afetado pelo impacto negativo da crise sobre o mercado de trabalho e pela incerteza que deverá perdurar ainda por algum tempo. Nessa mesma perspectiva, o investimento deverá demorar a recuperar a trajetória pré-crise de crescimento.

GRÁFICO 3  
Indicadores selecionados de atividade econômica  
(janeiro/2014-abril/2020)  
(Índices dessazonalizados, em pontos)

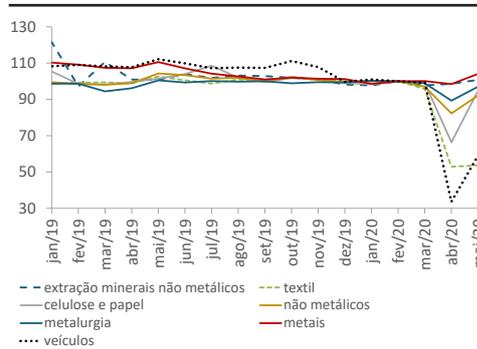


Fonte: IBGE; Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: Dados observados para a indústria até abril de 2020 e para o comércio e os serviços até março de 2020. Os valores do comércio e os serviços de abril são previsões da Dimac/Ipea.

1. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2020/05/27/boletim-de-acompanhamento-setorial-da-atividade-economica/>>.

De acordo com a Sondagem da Indústria de Transformação, produzida pela Fundação Getulio Vargas (FGV), após uma forte queda em abril, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) avançou 5,9% em maio, na comparação dessazonalizada. O mesmo ocorreu com o nível de utilização de capacidade instalada (NUCI) do setor, que passou de 57,3% em abril para 60,3% em maio. A recuperação, na média, tende a ocorrer de forma gradual, com alguma diferença de ritmo entre os setores. Com base nas informações da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), é possível identificar que alguns segmentos registraram um aumento no consumo de energia industrial na comparação entre maio e abril, na série já livre de sazonalidade. Entre eles, destacaram-se as atividades de produção de veículos automotores (aumento de 60,9%), papel e celulose (26,9%), metalurgia (17,9%) e produtos de metal (13,3%). A produção de veículos, que havia ficado praticamente nula em abril, também mostrou um início de recuperação em maio (tabela 1), que continua em junho – com a reabertura de linhas de produção em mais montadoras.

**GRÁFICO 4**  
Consumo de energia elétrica – séries dessazonalizadas (jan./2019-mai./2020)  
(Índices dessazonalizados, fevereiro de 2020 = 100)



Fonte: Empresa de Pesquisa Energética (EPE); CCEE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 1

**Produção de veículos**  
(Taxa de variação, em %)

		Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
		Mar./20	Abr./20	Mai/20	TRIM <sup>2</sup>	Mar./20	Abr./20	Mai/20	TRIM	No ano	Em doze meses
<b>Total:</b>	Produção	-20,3	-97,2	361,7	-12,7	-21,1	-99,3	-84,4	-16,0	-49,2	-20,7
	Exportação	-21,2	-83,1	-136,5	-5,6	-21,1	-79,3	-90,8	-14,9	-44,9	-30,2
	Licenciamento	-35,7	-60,8	4,1	-13,7	-21,8	-76,0	-74,7	-8,1	-37,7	-11,5
<b>Autos:</b>	Produção	-28,4	-98,9	699,9	-9,0	-22,9	-99,6	-87,2	-15,7	-49,9	-21,5
	Exportação	-20,5	-83,6	-146,2	-0,5	-22,0	-78,5	-94,2	-14,3	-44,8	-29,3
	Licenciamento	-37,1	-64,7	7,4	-12,0	-23,0	-79,1	-77,8	-9,2	-39,6	-12,8
<b>Comerciais leves:</b>	Produção	-9,8	-95,7	395,8	-25,3	-16,6	-99,7	-73,8	-24,8	-49,6	-18,0
	Exportação	-4,3	-69,1	5,7	1,5	-6,3	-82,0	-81,9	-17,4	-47,5	-33,7
	Licenciamento	-27,9	-51,0	3,8	-7,5	-15,1	-63,3	-64,9	-1,6	-29,6	-7,6
<b>Caminhões:</b>	Produção	-21,2	-90,9	497,6	4,0	1,0	-95,7	-63,9	-0,2	-35,8	-11,6
	Exportação	-14,4	-80,6	246,8	-11,5	-18,8	-80,3	-51,9	9,5	-27,0	-31,1
	Licenciamento	-25,8	-32,3	24,3	-7,9	-15,3	-53,5	-47,2	-6,2	-26,1	2,7
<b>Ônibus:</b>	Produção	-25,2	-88,9	239,5	-12,6	19,2	-85,8	-56,1	-2,3	-35,1	-16,5
	Exportação	-46,3	-4,8	52,8	-33,4	-69,9	-87,6	-51,7	-51,5	-57,9	-37,6
	Licenciamento	-35,2	-51,6	86,3	-26,8	13,7	-81,3	-61,1	-21,8	-42,7	-5,6

Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).  
Elaboração: Dimac/Ipea.

Em relação às vendas, os empresários do comércio varejista também se tornaram menos pessimistas na passagem de abril para maio. Após retrain 30,5% em abril, o Índice de Confiança do Comércio (ICOM) apresentou uma alta de 10,1% em maio na margem. Entre os segmentos, as vendas de veículos também cresceram na

comparação com ajuste sazonal. Segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), o licenciamento de automóveis e de comerciais leves avançou 7,7% em maio, refletindo a reabertura sem restrições de 55% das concessionárias cadastradas.

TABELA 2

**Vendas de veículos (emplacamentos)**

(Taxa de variação, em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Mar./20	Abr./20	Mai/20	TRIM <sup>2</sup>	Mar./20	Abr./20	Mai/20	TRIM	No ano	Em doze meses
<b>Total</b>	-41,4	-61,7	8,9	-61,8	-21,8	-76,0	-74,7	-59,0	-37,7	-11,4
<b>Subtotal 1</b>	-41,2	-63,2	7,7	-62,4	-21,9	-76,8	-75,8	-59,7	-38,1	-12,0
Autos	-42,1	-66,4	9,8	-64,1	-23,0	-79,1	-77,8	-61,5	-39,6	-12,8
Comerciais Leves	-33,7	-47,9	4,1	-51,9	-15,5	-63,2	-64,7	-49,4	-29,8	-7,9
<b>Subtotal 2</b>	-33,8	-37,1	37,3	-41,9	-19,2	-58,9	-50,8	-43,9	-28,5	1,9
Caminhões	-27,4	-33,6	28,5	-33,8	-15,0	-53,9	-48,5	-40,2	-26,2	2,9
Ônibus	-43,5	-54,0	77,4	-57,8	-35,4	-78,5	-60,8	-58,7	-37,0	-1,8

Fonte: Fenabrave.

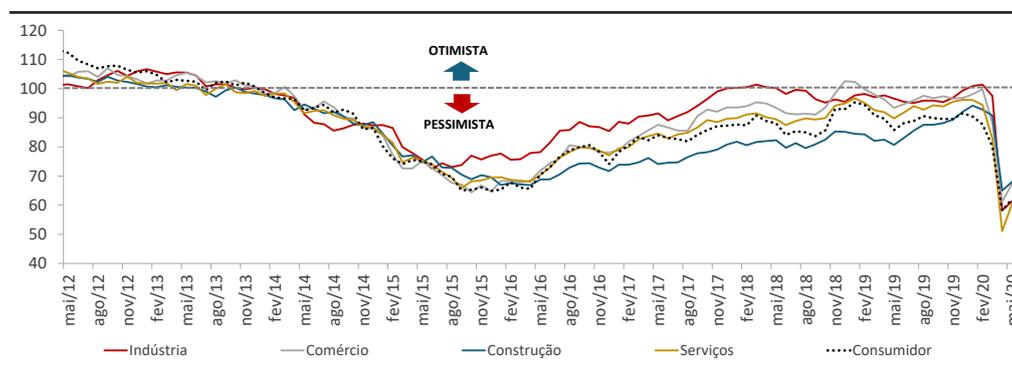
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Do ponto de vista da renda das famílias, o valor das transferências do programa de auxílio emergencial a pessoas em situação de vulnerabilidade somava R\$ 76,9 bilhões até o final de maio, e deve ter produzido um efeito importante sobre a demanda, especialmente de produtos de primeira necessidade. Para efeito de comparação, a massa de rendimentos do trabalho principal recebida mensalmente pelas pessoas ocupadas no setor informal – empregados no setor privado sem carteira, empregadores sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e trabalhadores por conta própria sem CNPJ –, no trimestre terminado em fevereiro, antes do agravamento da crise, foi de R\$ 49,7 bilhões. Além disso, as medidas adicionais de preservação de empregos contidas na Medida Provisória 936/2020 provavelmente contribuíram para atenuar a queda na renda de parte da população ocupada.

GRÁFICO 5

**Indicadores de confiança – séries dessazonalizadas (maio/2012-maio/2020)**

(Em pontos)



Fonte: FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A percepção dos empresários do setor de serviços também melhorou em maio, com os níveis de confiança aumentando 18,4% sobre abril, na comparação com ajuste sazonal, após uma redução de 38,2% em abril. De acordo com as informações da Cielo, o faturamento nominal do setor cresceu 16,8% em maio, quando comparado a abril (dados sem ajuste sazonal). Todos os segmentos monitorados apresentaram alta, com destaque para o faturamento dos setores de turismo e transporte, que, após uma queda de 79,6% em abril, cresceram 23,5% em maio.

### 3 Projeções para o PIB de 2020 e de 2021

Tendo por base as estimativas anteriores, e sob a hipótese de início de um processo de flexibilização gradual das restrições à mobilidade e ao funcionamento das atividades econômicas a partir de junho, projeta-se uma queda do PIB de 10,5% no segundo trimestre, seguida por uma recuperação no terceiro e quarto trimestres. O fato de a queda em abril ter sido profunda, seguida por um crescimento na margem em maio e junho, garante um *carry-over* importante para o terceiro trimestre. A queda projetada para o ano é de 6%, mas a trajetória de recuperação no segundo semestre deixará um *carry-over* de quase 2% para 2021, cujo crescimento projetado é de 3,6%.

TABELA 3

Projeções: taxa de crescimento do PIB e de seus componentes

(Taxa de variação, em %)

	Observado				Previsto			
	2018	2019	2019-T4	2020-T1	2020-T2		2020	2021
			Trim. ano anterior	Trim. ano anterior	Trim. ano anterior	No trim., dessazonalizado <sup>1</sup>		
<b>PIB</b>	<b>1.3</b>	<b>1.1</b>	<b>1.7</b>	<b>-0.3</b>	<b>-11.0</b>	<b>-10.5</b>	<b>-6.0</b>	<b>3.6</b>
Agropecuária	1.4	1.3	0.4	1.9	2.5	1.1	2.0	2.0
Indústria	0.5	0.5	1.5	-0.1	-14.3	-13.8	-7.3	4.0
Serviços	1.5	1.3	1.6	-0.5	-10.7	-10.1	-5.8	3.7
Consumo das Famílias	2.1	1.8	2.1	-0.7	-12.0	-11.2	-6.9	3.8
Consumo do Governo	0.4	-0.4	0.3	0.0	-0.5	-0.8	-0.3	0.0
FBCF	3.9	2.2	-0.4	4.3	-17.3	-18.7	-9.7	6.8
Exportações de bens e serviços	4.0	-2.5	-5.1	-2.2	-11.8	-10.9	-6.4	4.0
Importações de bens e serviços	8.3	1.1	-0.2	5.1	-13.3	-14.9	-6.5	4.3

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

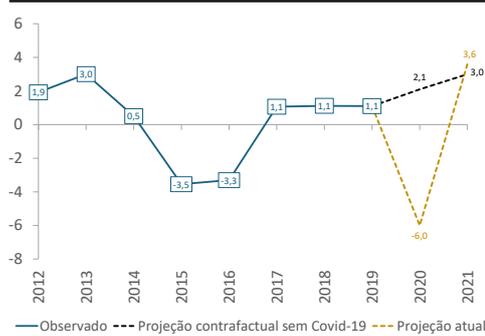
O destaque positivo em 2020, pelo lado da oferta, ficaria por conta do PIB agropecuário. Com base nas estimativas para a lavoura do LSPA/IBGE, e nas perspectivas atualizadas para a pecuária, estima-se que, a despeito do impacto econômico causado pelo choque da Covid-19, o PIB do setor agropecuário crescerá 2% em 2020. O resultado positivo é explicado principalmente pela alta no PIB da lavoura, que deve crescer 3,0%. A pecuária, que registrou uma queda na produção no primeiro trimestre do ano, deve se manter estável, com a baixa no segmento de carne bovina sendo compensada pelas demais proteínas e pela produção de leite. O componente outros (pesca, aquicultura, produtos da exploração florestal e da silvicultura), por sua vez, deve recuar 0,6%. Nos setores industrial e de serviços, as quedas anuais, refletindo o choque de março e abril, serão de 7,3% e 5,8%, respectivamente.

Pelo lado da demanda, as restrições à mobilidade e ao funcionamento do comércio e a piora nas condições do mercado de trabalho devem reduzir o consumo das famílias em 11,2% no segundo trimestre em relação ao primeiro. No entanto, como já destacado, as transferências de renda associadas ao auxílio emergencial, aliadas aos empregos preservados pela adoção das medidas adicionais contidas na Medida Provisória 936/20, devem amortecer os efeitos negativos desses fatores, permitindo uma recuperação em maio e junho relativamente aos níveis de abril. A gradual retomada da atividade econômica, com a flexibilização das restrições a partir de junho, permitirá uma aceleração desse processo, sem, contudo, impedir que o consumo feche o ano com uma queda de 6,9% em relação a 2019.

Os investimentos, em contrapartida, devem sofrer mais com os efeitos da forte alta dos níveis de incerteza da economia, assim como com a desvalorização cambial. Em abril, segundo o Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), os investimentos recuaram 27,5% na margem, ficando 32,8% abaixo do patamar de abril do ano passado. No ano, projeta-se uma queda de 9,7%, mas em 2021 espera-se uma recuperação, com um crescimento de 6,8%.

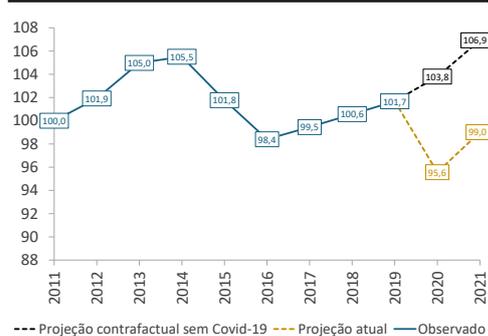
No setor externo, a desvalorização cambial e a retração da economia terão um impacto negativo sobre as importações, que devem cair 6,5%, enquanto a forte contração da demanda externa influencia negativamente as exportações, para as quais se projeta uma queda de 6,4%. Dessa maneira, a contribuição das exportações líquidas deverá ser ligeiramente positiva, após ter sido negativa em 0,5 ponto percentual (p.p.) do PIB em 2019.

**GRÁFICO 6**  
Taxa de crescimento do PIB projetada pré-pandemia e projeção atual (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: A previsão contrafactual sem Covid-19 foi feita na visão geral da Carta de Conjuntura no 46, de março de 2020.

**GRÁFICO 7**  
Taxa de crescimento do PIB projetado pré-pandemia e projeção atual (Índice, 2011 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: A previsão contrafactual sem Covid-19 foi feita na visão geral da Carta de Conjuntura no 46, de março de 2020.

Sob a hipótese de que a evolução da Covid-19 no Brasil no restante do ano possa ser controlada sem a imposição de novas restrições ao funcionamento das atividades econômicas, será possível o relaxamento gradual das medidas excepcionais de política voltadas para a preservação de empregos, renda e produção, além do retorno do país à estratégia de política econômica anterior, calcada em medidas voltadas para a recuperação e a consolidação do equilíbrio fiscal e para o aumento da

produtividade na economia. Essa estratégia vinha contribuindo para a recuperação da confiança na estabilidade macroeconômica, lançando as bases para a atração de investimentos e a aceleração do crescimento. Espera-se, assim, que a taxa de crescimento do PIB convirja gradualmente de volta para a trajetória projetada antes da crise da Covid-19. Para 2021, em razão da reduzida base de comparação de 2020 e do *carry-over* deixado para o ano, projeta-se um crescimento de 3,6% do PIB, com um aumento disseminado entre todos seus componentes, tanto pelo lado da demanda como pelo lado da oferta.



## **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



### **Grupo de Conjuntura**

#### **Equipe Técnica**

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### **Equipe de Assistentes**

Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Moraes Cornelio  
Felipe Simplicio Ferreira  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Marcelo Lima de Moraes  
Mateus de Azevedo Araujo  
Pedro Mendes Garcia  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.